

Amanda de Sousa Ferreira¹
Angela Brandão²

RESUMO

Este artigo é resultado da pesquisa de Iniciação científica “História da Arte para crianças: uma investigação pelos livros da Biblioteca Monteiro Lobato na cidade de Guarulhos”, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). O projeto inicial se propôs a investigar e refletir sobre a disponibilidade e os tipos presentes de livros de história da arte para crianças no recorte da Biblioteca Municipal de Guarulhos, e posteriormente se expandiu em monografia apresentada como trabalho de conclusão de curso. A proposta integrou o grupo de pesquisa “Arte: Contextos e Materialidades”, dedicado a analisar um universo expandido de possibilidades de pesquisa em História da Arte por meio de objetos cotidianos. O objetivo deste artigo é disseminar alguns dos resultados obtidos pelas pesquisas, que buscaram compreender a temática em moldes de amostragem, contribuir com um campo ainda restrito, e levantar questões para investigações futuras.

Palavras-chave: Livros, história da arte, crianças, Guarulhos, bibliotecas.

ABSTRACT

This article is the result of the scientific initiation research “Art History for Children: An Investigation Through Books from the Monteiro Lobato Library in the City of Guarulhos”, funded by the São Paulo Research Foundation (FAPESP). The initial project aimed to investigate and reflect on the availability and types of art history books for children in the Guarulhos Municipal Library, and was later expanded into a monograph presented as a final course work. The proposal was part of the research group “Art: Contexts and Materialities”, dedicated to the analysis of an expanded universe of research possibilities in Art History through everyday objects. The objective of this article is to disseminate some of the results obtained by the research, which sought to understand the theme in a sampling format, contribute to a still restricted field, and raise questions for future investigations.

Keywords: Books, art history, children, Guarulhos, libraries.

...no entanto, nada é mais ocioso que a tentativa febril de produzir objetos - material ilustrado, brinquedos ou livros - supostamente apropriados às crianças” (BENJAMIN, 1924).

Assunto pouco analisado academicamente, os livros de História da Arte para crianças constituem uma categoria recente e ainda restrita. Tal fato pode ser um reflexo de como as temáticas da infância, assim como a própria criança, são menosprezadas em uma sociedade “adultocêntrica” e que opera em uma lógica de produtividade, que não valoriza os processos de aprendizado, contemplação e sensibilidade acessados pela arte.

De acordo com Walter Benjamin, é ociosa a tentativa febril de produzir objetos supostamente

1 Arte Educadora, Bacharel em História da Arte pela EFLCH - Unifesp. E-mail: amanda.educarte@gmail.com ID Lattes: [8134028576062316](https://lattes.cnpq.br/8134028576062316). ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7659-3363>

Esta pesquisa contou com Bolsa de Iniciação Científica da FAPESP (Processo n. 24/10676-6).

2 Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo, Unifesp. Campus Guarulhos. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

E-mail: angela.brandao@unifesp.br. ID Lattes: [6843594697945779](https://lattes.cnpq.br/6843594697945779). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8946-9910>

apropriados às crianças. Isso porque se trata de um “preconceito” acreditar que elas são seres tão diferentes que se tornam incapazes de se inserir em determinadas discussões. A partir das ideias de Benjamin, podemos perceber como essa relação subestimada é um equívoco, uma vez que, segundo ele, a criança aceita perfeitamente as coisas sérias, desde que sejam honestas e espontâneas. Dessa forma podemos defender que Arte é, sim, assunto de criança.

A conceituação de infância

A relação entre a infância e a arte nem sempre se deu da mesma maneira, já que a vivência das crianças passou, e continua a passar, por transformações. Conceitualmente a infância não é absoluta, mas, sim, uma construção a partir das relações histórico-sociais, como apontam diversos autores. No contexto da Europa Medieval, por exemplo, existia um modelo de infância diferente do qual compreendemos, onde se era inserido precocemente no trabalho e afazeres domésticos, e atividades como jogos, músicas, danças e histórias, eram compartilhadas por pessoas de diferentes idades (ARIÈS, 2014).

Apesar da importante contribuição de Ariès, seu trabalho não pode ser universalizado, já que, se dirigirmos o olhar para outras culturas e períodos, iremos encontrar diferentes sentimentos de infância. Segundo Kuhlmann e Fernandes (2012), que também recorrem a fontes visuais e questionam aspectos da pesquisa de Ariès, existem exemplos de imagens antigas e de diferentes contextos onde há crianças representadas. São citadas: as esculturas de jade, da *cultura Valdivia*, datadas entre 3500 a 2000 a.C.; pinturas da antiga China Imperial, no Palácio Nacional de Taiwan; e exemplares de brinquedos na Antiguidade Clássica, que fornecem indícios do lugar deste grupo entre gregos e romanos.

Observando as transformações educacionais até o século XVII na Europa, havia principalmente escolas religiosas e privadas, além da educação em casa, sendo essa a realidade das crianças abastadas, enquanto as que eram pobres trabalhavam. Já o caráter dubio que surge com a educação moderna, ao mesmo tempo que traz ideias de liberdade iluminista, também apontam o controle de acordo com os interesses do poder vigente (CAMBI, 1999). Assim, é importante destacar a existência de diversos processos que resultaram nos modelos escolares e na ideia de infância compreendida hoje. Dentro destes processos, passou-se a produzir materiais e mercadorias específicas para o público infantil, entres eles, o livro.

O livro e a criança

Com modos e meios distintos, a história do livro não se deu da mesma forma em todos os locais. Segundo Ariès, foi sob a influência de um novo clima moral na Europa que surgiu uma literatura pedagógica infantil. De acordo com o autor, no fim do século XVI, educadores passaram a não tolerar mais que se dessem às crianças livros duvidosos, fornecendo edições expurgadas de clássicos, ou seja, “livres de impurezas”.

Já no contexto nacional, a história do livro também é heterogênea, com complicações desde a chegada da impressão (que ocorreu somente no final do período colonial), até a consolidação gráfica. Assim, antes de adentrar em uma abordagem dos livros de História da Arte para crianças no Brasil, é relevante entender como se deu o início da produção de livros de arte de maneira geral no país.

De acordo com Laurence Hallewell (2012), por muitos anos, o livro de arte brasileiro padeceu de uma qualidade precária, e os projetos mais ambiciosos eram impressos no exterior. Desse modo, ainda que com o passar dos anos tenha havido uma melhora no desenvolvimento de outros tipos de livro, os preços nacionais continuaram sem condições de competir com os importados. Segundo Hallewell, a primeira tentativa de

produzir uma história ilustrada da Arte no Brasil foi feita nos anos 1950, com *“As Artes Plásticas no Brasil”*, título que não foi continuado. Ainda de acordo com o autor, a melhor fórmula encontrada para a publicação de livros de arte foi a edição em fascículos vendidos em bancas de jornal, introduzida com títulos como *“Gênios da Pintura”* da editora Abril, entre 1967 e 1969. Já em 1975 foi lançada *“História da Arte Brasileira”*, de Pietro M. Bardi, uma publicação unitária. Após este período, outras obras despontaram, como *“A Arte no Brasil”* (1979), da Abril Cultural, e *“História Geral da Arte Brasileira”* (1983), coordenada por Walter Zanini. No entanto, elas ainda eram destinadas a uma pequena parcela da população.

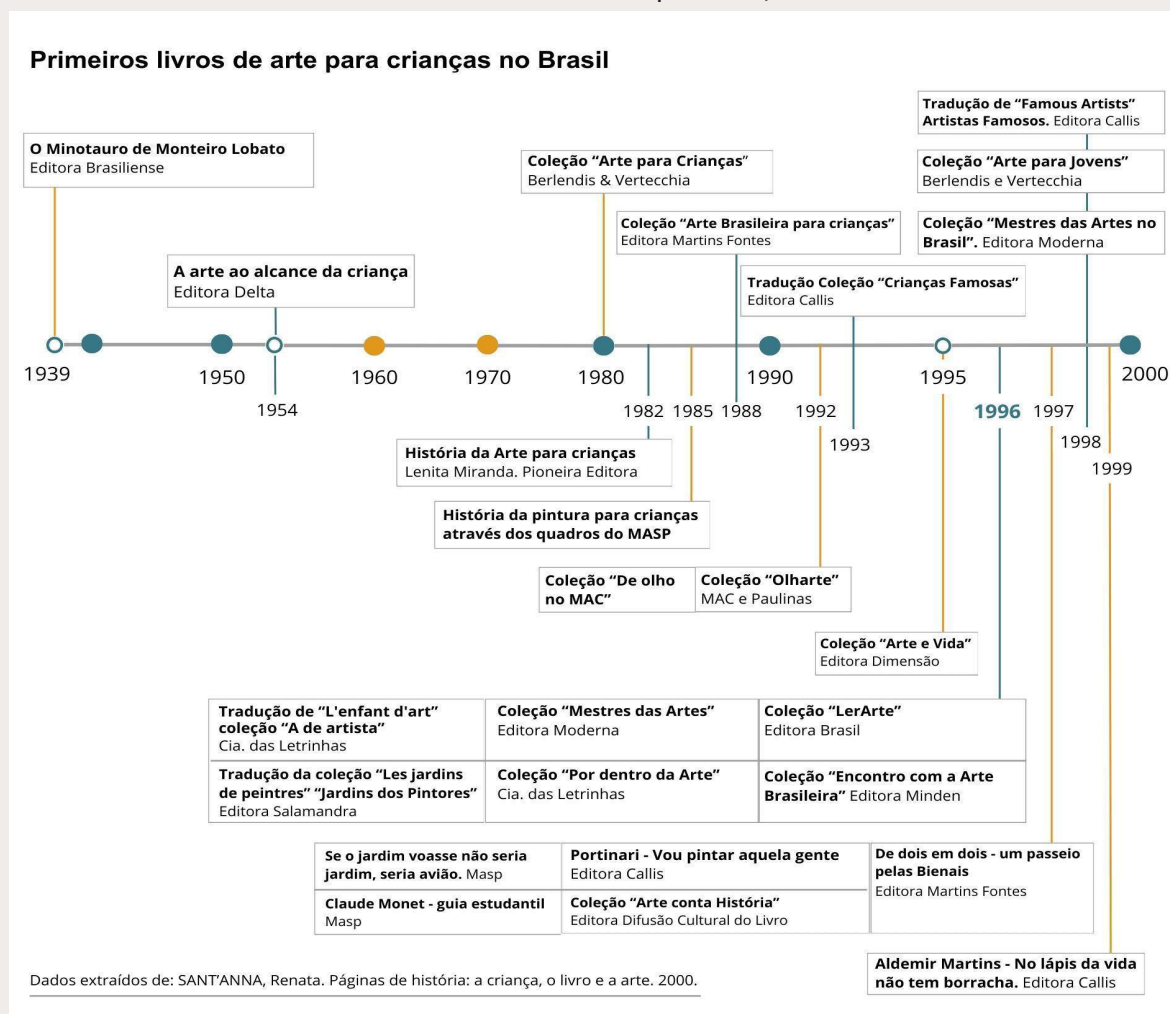
Sobre a produção nacional de livros infantojuvenis, o autor (Hallewell, 2012) aponta para uma melhora durante a década de 1970. Segundo ele, tal transformação ocorreu devido ao estímulo da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, criada em 1968. Outro fator que contribuiu para essa mudança foi a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) número 5.692 de 1972, que exigia a leitura de um autor brasileiro por semestre nas escolas. De acordo com os dados do historiador, cerca de trinta ou quarenta editoras brasileiras produziam livros para este público no final dos anos 1970, mas apenas um terço lançava mais de dois títulos por ano e apenas três (Verbo, Miguilim e Salamandra) se dedicavam exclusivamente aos livros infantis.

Os livros de História da Arte para crianças no Brasil.

Em *“Páginas de história: a criança, o livro e a arte”* (2000), Renata Sant’Anna traça um panorama sobre o livro de arte para crianças no Brasil. Para isso, a autora apresenta uma breve trajetória a respeito da literatura infantil brasileira, e faz um levantamento dos primeiros livros publicados referentes ao recorte (gráfico 1). Além deste levantamento, ela divide e descreve diferentes categorias pertencentes ao gênero, e analisa três coleções: *“L’Art en Jeu”*, *“Arte para Crianças”*, e *“Olharte”*.

O primeiro livro apresentado no gráfico, é *“O Minotauro”*, publicado em 1939 pela Brasiliense. A publicação não é propriamente um livro de arte, porém, é destacada por algumas linhas no capítulo *“Visitas às obras do Paternão”*, em que Pedrinho e Dona Benta discutem sobre as imagens esculpidas nas frisas. A autora aponta que, até o aparecimento de Monteiro Lobato, a literatura infantil no Brasil era composta por textos destinados à formação moral, e o mercado editorial era abastecido por livros vindos de Portugal.

Gráfico 1 - Primeiros livros de arte para crianças no Brasil.



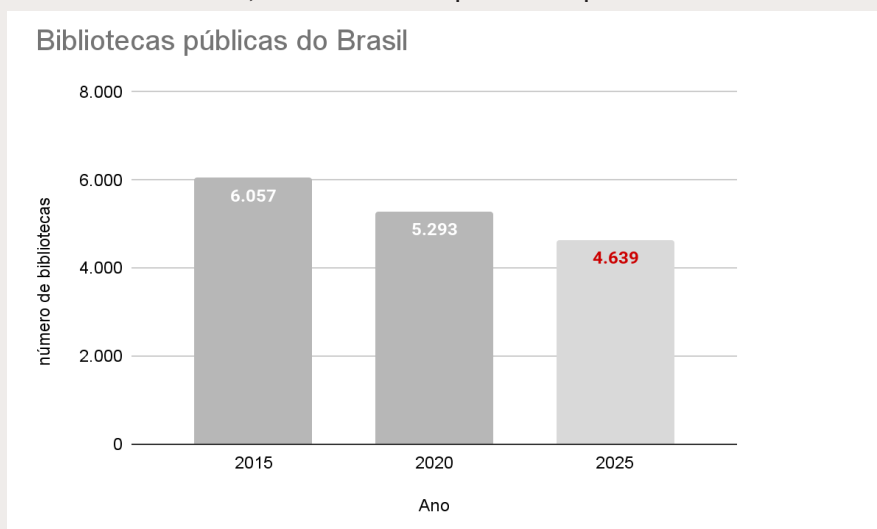
Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados de Renata Sant'Anna,(2025)

Já a segunda publicação destacada "A arte ao alcance da criança" foi publicada em 1954 pela editora Delta. A obra é o décimo volume da Coleção "The Child's Treasure" (O mundo da criança), traduzida em 1954. De acordo com a autora (Sant'Anna, 2000), a publicação apresenta diferentes abordagens do ensino artístico, baseadas em três definições da arte: 1. fazer; 2. conhecimento e 3. expressão. Além disso, a edição conta com atividades e dispõe de imagens de obras que utilizam o mesmo material da proposta. Fora as experiências práticas, o título também aborda obras de artistas nacionais, embora ainda reproduzidas em preto e branco, como pinturas de Rodolfo Amoedo, Antônio Parreiras e Almeida Junior.

Até aquele momento não existiam livros específicos de arte para criança elaborados no país. Segundo Sant'Anna (2000), foi Ana Mae Barbosa, uma das pioneiras da arte/educação, quem despertou uma preocupação na relação com as artes no sistema educacional a partir de 1980, o que ocasionou uma corrida das escolas aos museus e a procura por livros específicos. Na linha do tempo (gráfico 1), é possível perceber uma mudança de mercado. Após um hiato de 20 anos desde a publicação de "A arte ao alcance da criança", 1954, surge em 1980 a primeira coleção do gênero editada no Brasil "Arte para Crianças" da Editora Berlendis & Vertecchia. Após este período, observa-se no gráfico um aumento deste tipo de publicação até o fim da década de 1990.

A primeira obra para o público infantil a apresentar uma "história geral da Arte", foi "História da Arte para Crianças" (1982), de Lenita Miranda. Já a primeira a mostrar um aspecto generalista da arte nacional

Gráfico 2 - Diminuição das Bibliotecas públicas do país nos últimos 10 anos



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da SNBP (2025)

Entendido que o acesso à leitura se insere de forma desigual, é possível compreender um dos motivos do porquê o Livro de História da Arte não ser disseminado entre as crianças. Além da questão básica do acesso, outro aspecto que acaba por distanciar os leitores desse tipo de material é o caráter de “distinção” presente na arte, como apontado por Bourdieu (2007). Fora este fator, as dificuldades escolares e da leitura de imagens no país são barreiras que profissionais da arte/educação buscam ultrapassar por meio de ações democratizadoras que aproximem as pessoas (de vários contextos e idades) de diferentes linguagens artísticas.

No estudo de caso realizado na Biblioteca Monteiro Lobato, em Guarulhos - SP, foram analisados títulos das seguintes categorias, organizadas por (BRANDÃO, 2007): Livro temático; Publicação de caráter lúdico; Biografia de artista - podendo ser historiográfica ou romanceada; Livro geral de História da Arte; Livro de História da Arte Brasileira; Livro com abordagem de período específico; e Guias de exposição, museu ou viagem. Além das categorias organizadas por Brandão, foi adicionada a de “Livro de reproduções”, no qual a imagem assume papel central. É importante justificar que nem todas as publicações se configuram como um livro tradicional de História da Arte, mas possuem características que permitem a inserção no campo. Além da classificação, foram levantados dados de catalogação, e para os livros biográficos foram aplicadas mais três divisões, sendo elas: gênero, nacionalidade e, no caso de artistas brasileiros, estado de origem. O levantamento foi feito em planilhas digitais, e os resultados organizados em diferentes gráficos, entre os quais alguns serão apresentados neste artigo.

Localizada no centro da cidade, a Biblioteca Monteiro Lobato (BML) é parte do Sistema Municipal de Bibliotecas Públicas de Guarulhos, composto por ela e outras sete bibliotecas ramais. Juntas, as bibliotecas somam mais de 197 mil livros, dos quais 85 mil encontram-se na Monteiro Lobato. Além de ser a Biblioteca com maior acervo da cidade, a BML é também a mais antiga. Inaugurada em 1940 no antigo Paço Municipal e transferida para a sua localização atual em 1968.

Durante a pesquisa, foram levantados 90 títulos referentes ao recorte, distribuídos em 161 exemplares. A amplitude cronológica entre a publicação mais antiga e a mais nova é de trinta anos, sendo a primeira do ano de 1986 e a última de 2016. A idade média das publicações é de 23,3 anos³.

³ O número não implica a idade do livro em si, uma vez que o mesmo pode ser de uma edição ou reimpressão de outro ano.

foi “Arte brasileira para crianças” (1988), de Marilyn Diggs Mange, que já havia produzido em 1985 “História da pintura para crianças através dos quadros do MASP”. A partir deste retrospecto, é possível verificar que a trajetória dos livros de história da arte para crianças no Brasil se trata de uma brevíssima história. A partir de 1988 com a coleção “Arte Brasileira para crianças”, da editora Martins Fontes, há um aumento na produção de coleções, muitas delas traduções de obras estrangeiras ou adaptações para o contexto nacional de coleções de fora do país, como “Mestres das Artes no Brasil”, da editora Moderna.

Neste início, existe certa diversidade entre as editoras, mas apenas publicações de dois museus nacionais: MASP e MAC-USP. Porém, o aumento do número de coleções não reflete necessariamente na qualidade das publicações, como se observa na afirmação de Sant’Anna: “A história do livro de arte para crianças no Brasil é recente, e infeliz” (2000, p.32). Além da crítica ao mercado editorial até o momento, a autora também aponta para a dificuldade em encontrar materiais teóricos que pensem especificamente a respeito da produção desses livros.

O trabalho de Sant’Anna (2000) reforça a hipótese da ausência de materiais pelo aspecto recente desta história. Contudo, é sintomático que, 25 anos após a publicação de sua tese, ainda exista a mesma escassez de fontes. Como bem aponta Ângela Brandão (2007, p. 108), em um dos raros artigos sobre o tema: “Um quadro incompleto composto de edições de história da arte para crianças forma um quebra-cabeça de peças desiguais”. Segundo Brandão, as abordagens são diversas, mas muitas são as lacunas. Essa observação também pode ser aplicada às reflexões sobre o campo, evidenciando a necessidade de ampliar discussões e consolidar mais pesquisas na área.

O caso da Biblioteca Monteiro Lobato em Guarulhos

De acordo com Hallewell (2012), a maioria das bibliotecas públicas existentes em 1985 eram mal equipadas e gravemente carentes de recursos para aquisição de livros. Segundo ele, o espaço servia quase que somente como local para que os alunos mais velhos fizessem as lições de casa, e ao invés de oferecer um lugar onde se refugiar da educação formal, a biblioteca atuava como mera extensão da escola.

Nos dias de hoje, segundo a base de dados do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), atualizado em 2023, o Brasil conta com 4.639 bibliotecas públicas (municipais, distritais, estaduais e federais)³. Esse número pode parecer expressivo, porém, reflete uma diminuição de Bibliotecas nos últimos 10 anos (gráfico 2). Segundo matéria publicada em 2022, o fechamento de bibliotecas entre 2015 e 2020 reverte tendência de anos anteriores. Entre 2004 e 2011, período em que durou o Programa Livro Aberto, 1.705 novas bibliotecas foram criadas e 682 modernizadas.⁴ Apesar da melhora, se comparado ao período descrito por Hallewell, a instabilidade no mantimento das bibliotecas traduzem um cenário de descaso por tais espaços de formação e cidadania.

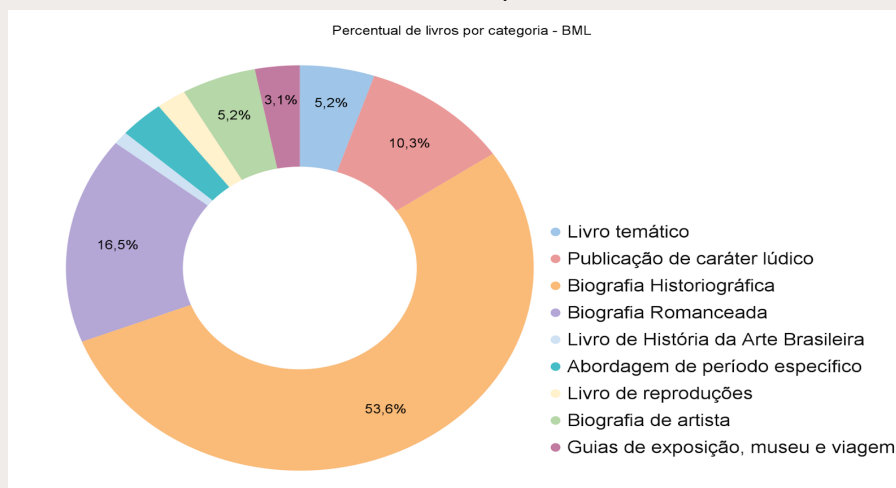
⁴ Não constam nestas relações as bibliotecas comunitárias e pontos de leitura mantidos por entidades privadas, com ou sem fins lucrativos, e pessoas físicas. Assim como a Biblioteca Nacional e bibliotecas especializadas ou universitárias, vinculadas ao governo federal.

⁵ Informações retiradas do (SNBP) Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas.

Os livros encontrados em maior número foram: “*Michelangelo*” de Mike Venezia (coleção Mestres das Artes) com 4 exemplares; e “*Michelangelo*” de David Spencer (coleção Grandes Artistas) também com 4 exemplares. Fora a questão dessas publicações serem classificadas como biografias de um mesmo artista, a proporção de tal classificação é significativa. A categoria de “Biografia Historiográfica” é a mais numerosa, representando 53,6%. Já as biografias juntas representam quase 80% do acervo. Porém, essas categorias podem ser combinadas com outras em um mesmo título. Fora a classificação biográfica, as “publicações de caráter lúdico” apresentam uma porcentagem considerável de 10,3%, e os livros temáticos representam 5,2%.

Gráfico 3 - Percentual de livros por categoria

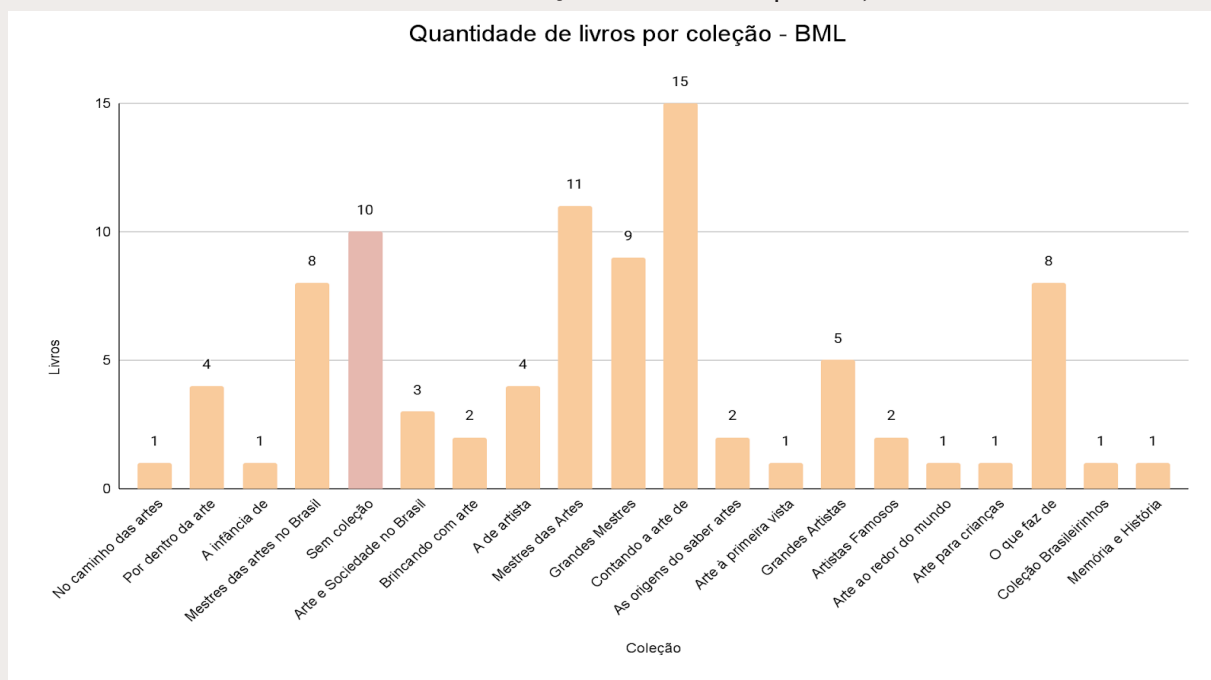
Fonte: Elaborado pela autora (2025)



Existem três autores que se destacam em quantidade de obras, sendo eles: Mike Venezia com 11 publicações; Richard Muhlberger com 8 publicações; e Oscar D'Ambrosio com 6 publicações. Somados, eles participam da autoria de cerca de 27,7% dos livros. Os títulos levantados se dividem entre 20 editoras, e as que possuem o maior número de publicações são, respectivamente, Moderna, Noovha América, Ática, Companhia das Letrinhas e Callis.

Já as coleções continuam sendo um modelo significativo, representando a maior parte dos livros. As coleções “Arte para crianças”, “Artistas Famosos”, “Mestres das Artes”, “Mestres das Artes no Brasil”, “A de artista” e “Por dentro da Arte” constituem quase metade do recorte, 48,8%. No “gráfico 4” é possível observar a quantidade de livros por coleção.

Gráfico 4 - Quantidade de livros por coleção



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Dentre os livros, estão representadas 14 nacionalidades, contando casos de dupla nacionalidade. O Brasil é o país com maior quantidade de artistas como temas para as publicações, seguido por França e Itália. Já na classificação por estado de origem (aplicada somente no Brasil) existe uma concentração de publicações sobre artistas paulistas. É possível constatar uma convergência das editoras para São Paulo, com 19 títulos, e Rio de Janeiro, com 5. Apenas outros dois estados aparecem no levantamento: Ceará e Bahia, ambos com somente 1 título cada.

Quanto ao recorte de gênero, existe uma disparidade entre livros sobre artistas homens e mulheres. O número de publicações dedicadas a artistas do gênero masculino é sete vezes maior, com 71 títulos contra apenas 10 voltados para as artistas. Além disso, a representatividade feminina, no que se refere às artistas, se concentra em poucos nomes: Tarsila do Amaral com 5 títulos; Tomie Ohtake com 2; e Djanira, Anita Malfatti e Frida Kahlo, cada uma com apenas 1 título. Esse contraste reflete a invisibilização das mulheres na Arte, que, apesar de sempre terem produzido, apenas recentemente passaram a ser reconhecidas e pesquisadas com maior afinco. Tal falta de diversidade nos títulos afeta a construção do repertório das crianças e reforça uma visão parcial da história da arte, limitada a poucas referências femininas.

Fora o acervo, outro ponto ao qual a pesquisa se debruçou foram as dinâmicas da biblioteca e do espaço infantojuvenil. Em questionário aplicado com funcionários e respondido de forma anônima, foi descoberto que todos os livros do recorte analisado foram recebidos por doações. Além da falta de aquisições, que dificulta a ampliação do acervo, também não existe um incentivo da relação das crianças com os títulos analisados, uma vez que a biblioteca não conta com um grupo educativo que realize ações ou agenda de contação de histórias. A única atividade desenvolvida periodicamente é o clube de leitura das Bibliotecas de Guarulhos. Em resposta a essa ausência, funcionários se queixaram das problemáticas em relação a atuação da biblioteca enquanto espaço de cultura.

A falta de investimento é um dos aspectos que se destacam nas respostas obtidas. Funcionário A: "Acredito que só irão sobreviver as bibliotecas que investem nos seus espaços culturais para que se tornem dinâmicas". Funcionário B: "A biblioteca é um ótimo espaço cultural, só precisamos de mais funcionários e verba para estruturar melhor os projetos". Já a ausência de incentivo, elaboração de propostas e falta de divulgação também aparecem como queixa, como é possível observar na seguinte declaração:

“Funcionário C: Ela (a biblioteca) poderia melhorar bastante como espaço cultural, com o oferecimento de oficinas ou shows e melhor divulgação, o que atrairia maior público e exploraria mais os recursos”.

Alguns bibliotecários relataram que, por vezes, recebem grupos agendados, mas que a maioria do público frequentador é espontâneo. Também foi apontado que, após a pandemia, houve uma queda acentuada no número de frequentadores em todas as bibliotecas, e na rede de Guarulhos não foi diferente. Já, quando questionados sobre a procura por livros de História da Arte para crianças, 37,5% relataram “não existir a procura”, 37,5% disseram haver procura dos títulos por professores, e 25% que a procura acontece pelos responsáveis. Nenhum dos funcionários disse que os títulos são procurados pelas próprias crianças.

No geral, o acervo apresenta um número considerável de títulos e em bom estado de conservação. Os dados levantados são importantes para indicar alguns fatores. Por exemplo, o modelo mais difundido é o biográfico e a maioria se refere a artistas brasileiros. Apesar disso, grande parte se concentra no estado de São Paulo e representa artistas do gênero masculino. Fora estes pontos, é importante destacar que nenhum dos títulos levantados se configura como “livro geral de História da Arte”.

Dessa forma, é possível perceber que o acervo necessita de uma ampliação, tanto no que se refere aos artistas, para abranger figuras fora do perfil predominante (homem, brasileiro, paulista), quanto nas categorias, visto que, o modelo biográfico é um, mas não o único possível para aproximar as crianças da vastidão do universo das artes. Além disso, a ampliação de um repertório artístico, seja através da leitura, da contação de histórias, ou da prática, são aspectos que enriquecem a sensibilidade em diversas idades e fases de desenvolvimento, especialmente durante a infância. Ademais, tanto a equipe da biblioteca, e principalmente a prefeitura, deveriam ampliar as ações culturais da unidade, para assim atrair um novo público (não somente infantil), e exercer de maneira mais efetiva os papéis artísticos e socioeducativos deste importante espaço da cidade.

Referências:

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família** (São Paulo, LTC, 2014). e-book.
- BENJAMIN, Walter. Livros infantis velhos e esquecidos (1924). In: **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- BRANDÃO, Angela. História da Arte para crianças: um comentário bibliográfico. **Encontro de História da Arte**, Campinas, SP, n. 3, p. 97–109, 2007. DOI: 10.20396/eha.3.20073659. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/3659>. Acesso em: 28 de mar. de 2025
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. Terceira parte, Cap. I. Características da educação moderna.
- CARRANÇA, Thais. Brasil perdeu quase 800 bibliotecas públicas em 5 anos. **g1 Educação**, julho de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/07/16/brasil-perdeu-quase-800-bibliotecas-publicas-em-5-anos.ghtml>. Acesso em: 28 de mar. de 2025
- KUHLMANN, Moysés Jr.; FERNANDES, Fabiana Silva. Infância: construção social e histórica. In: **Educação infantil e sociedade: questões contemporâneas**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012. Disponível em: <https://ndi.ufsc.br/files/2013/08/Educa%C3%A7%C3%A3o-e-Sociedade.pdf>. Acesso em: 28 de mar. de 2025
- SANT'ANNA E SILVA, Renata Teixeira Nascimento. **Páginas de história: a criança, o livro e a arte**. Dissertação (Mestrado em Comunicações e Artes) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- SNBP – SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS. **Bibliotecas Públicas do Brasil**. Disponível em: <http://snbp.cultura.gov.br/bibliotecaspublicas/>. Acesso em: 28 de mar. de 2025